

O enterro

Ultimamente, muitas pessoas tiveram morrido na minha cidade, talvez devido ao calor excepcional que os idosos não suportam. Em qualquer caso, o coveiro teve muito serviço para executar. Faz alguns dias ainda, eu pensei que iria ao cemitério somente por ocasião do meu próprio enterro, mas esta previsão já virou errada: Ontem fui ao enterro de Claudio, adolescente de dezesseis anos e irmão do meu amigo Gabriel.

Não conhecera Claudio muito bem. Tivéramos os primeiros encontros na fazenda de gado vizinha, onde ele trabalhara por um tempo. Sei que o pai dele fora assassinado quando ele fora uma criança pequena. Agora a mãe dele convive com João, com quem ela tem mais quatro filhos. Eu fora advertido que Claudio era um ladrão de galinhas, e realmente surpreendera-o uma vez, alguns dois anos atrás, em flagrante quando ele quisera levar o meu galo de raça. Pegara-o na camisa e mandara-o devolver o galo. Desde então nós nos deixáramos mutuamente em paz, apenas nos cumprimentando na rua ou na casa dele. Gabriel odiava seu irmão Claudio. Passavam anos sem falar um com outro. Uma semana atrás, Gabriel disse até que ele ia matar seu irmão porque não tinha espaço para os dois na terra.

Ontem de manhã, Claudio foi encontrado morto no lado de um açude, perto da casa dele. Estava cheio de cortes no corpo e no rosto, e com a garganta cortada. Eu soube disso durante meu passeio diário ontem à tarde. Eu tive a impressão que a cidade inteira estava comentando o acontecimento. Disseram-me que o corpo de Claudio foi levado ao instituto criminalístico. Comentaram-me também que Gabriel estava em casa, cantando. Aparentemente os suspeitos do crime já foram presos. São dois vizinhos e colegas dele que tinham levado Claudio para um lugar escuro na noite anterior. Um deles o segurara, outro o trabalhara com uma faca. Depois jogaram a faca num riacho próximo.

Apenas no final da tarde de ontem, um carro de som anunciou que o enterro acontecesse às oito horas da noite. Enquanto eu estava esperando pelo cortejo fúnebre, cheguei a saber mais detalhes: Os autores do crime já foram presos. As pessoas me contaram que a polícia bateu neles antes de colocá-los na mala da viatura. Alí um dos criminosos matou outro.

O cortejo fúnebre chegou com quase uma hora de atraso. Foram aproximadamente 50 pessoas, dos quais eu conhecia a maioria. Percebi Gabriel e os irmãos dele, mas não vi nem a mãe nem o padrasto nem as irmãs menores de Claudio. Ninguém falou nada. O caixão foi levado ao cemitério que estava iluminado de maneira fantástica pelos refletores. No lado do túmulo aberto, o caixão foi reaberto. Muitas pessoas quiseram ver Claudio uma última vez. De verdade o corpo de Claudio era inteiramente coberto de flores, deixando visíveis apenas os olhos fechados e o nariz que estava melado de sangue. O caixão foi fechado e rebaixado na cova. O coveiro jogou uma sacola de plástico

que continha os ossos do pai de Claudio, encima do caixão; depois duas pessoas começaram a cobrir o caixão com a terra ressecada. Todos ficaram calados, apenas o barulho das pás e a queda da terra foram perceptíveis. Até Marcos, que tem o costume de gracejar nas piores situações, ficou silencioso. Os rostos das pessoas presentes estavam tesos, não deixaram reconhecer se atrás deles se escondia mais a tristeza ou a revolta. Só agora percebi que eu estava diretamente detrás de Gabriel, e eu vi que ele também estava chorando silenciosamente. Depois que a simples cruz de madeira foi erguida encima do túmulo, a multidão saiu calado do cemitério, e eu também voltei bastante comovido para casa.

Bruno Kägi 2013